



ENTREVISTA com Jurandyr Luciano Sanches Ross

24/09/2024

Entrevista com o professor Jurandyr Luciano Sanches Ross sobre Aziz Nacib Ab'Saber por ocasião do centenário de seu nascimento.

Aziz Ab'Saber se tornou professor da USP pouco antes do Sr. ingressar como aluno na graduação em Geografia naquela instituição. Fale um pouco sobre sua relação com ele naquele momento – como o conheceu, que influência ele exerceu sobre o Jurandyr aluno de graduação?

O professor Aziz está sendo muito homenageado esse ano, há muitos textos na rede sobre ele, mas são textos de pessoas que conhecem o professor na perspectiva acadêmica, científica. Mas a forma como eu conheço é um pouco diferente, certo? Eu o conheço em sua solidão. Eu o conheci primeiro porque fui seu aluno de graduação, depois de pós-graduação e, depois de muitos anos, entrei na vaga dele em janeiro de 1983, quando ele se aposentou (1982). Também fiquei no lugar dele no laboratório de geomorfologia. Minha relação não foi muito próxima, não foi íntima, até porque, o professor não tinha tempo nem para respirar, não é? Ele vivia super ocupado sempre, se aposentou e continuou no mesmo ritmo. Então, quando eu entrei na geografia, em 1969, o professor Aziz já tinha 25 anos de trabalho, porque ele se formou em 1944. Já havia 20 anos do primeiro grande trabalho que ele publicou e, se não me engano, foi na Revista da AGB SP, número 1, onde ele tratou da questão das superfícies rebaixadas no entorno das bacias sedimentares. Então, o Ab'Saber já tinha um tempo de trabalho muito grande, não é? Eu fui aluno dele na graduação e claro que ele me influenciou, mas, principalmente, ele me assustou. E por quê? Porque ele dava aulas muito interessantes, era muito eloquente, falava com firmeza, desenhava magnificamente bem na lousa e a gente parecia que entendia. Parecia. Na graduação a gente não tem base né? Então, quando eu saía, ia para o campo para passear geograficamente, eu sempre fiz isso nas férias de dezembro e janeiro, saía pelo Brasil afora, eu não encontrava aquilo que o Aziz falava em sala de aula. Eu não conseguia encontrar. E eu me perguntava – cadê aquilo que ele falou? – Eu

não encontro! Eu não encontrava nada, eu não conseguia ver, não conseguia ver o que ele falava. Então aquilo me encucou muito. Eu comecei a achar que geomorfologia era uma farsa. Para falar a verdade, eu pensava, primeiro eu não consigo entender, eu não entendo a aula. Não entendo e depois eu não encontro as coisas. Então, o Aziz começou me influenciando assim, desse jeito, me instigando. Quer dizer, me incomodando. E a geomorfologia era a minha tentativa de entender o relevo e era uma coisa que me incomodava, porque eu não conseguia entender. Aí eu fiz o primeiro ano de geologia, que foi a geologia estrutural, e era dado pelo pessoal de geociências. O negócio era tão chato que larguei. Abandonei o curso no meio do ano. E completamente assim, chateado com a geografia física, né? Eu estava muito chateado e fiquei mais entusiasmado com a geografia humana. Então, no primeiro momento, Ab'Saber me causou espanto, susto e medo. Inclusive, acho que ele era uma pessoa muito ativa, que não perdia tempo com aluno, Aluno faz perguntinha, é preciso ser paciente. Ele não tinha essa paciência e mandava logo – “olha, leia isso”. E você pensava – “vou ler isso”. Você leu, e daí né? Percebe? Então, foi assim que ele começou a me influenciar. É porque também, ou às vezes, tem uma linguagem rebuscada. E sofisticada. Às vezes ele falava coisas que a gente não conseguia entender direito o que ele estava dizendo. Os desenhos eram mais objetivos, mas desenho é desenho e realidade é realidade né? E aí ficava difícil. Eu tive uma certa rejeição inicial pela geografia física e pela cartografia, mas isso acabou. Terceiro ou quarto ano já não tinha mais isso. Eu mudei completamente.

No artigo que o senhor publicou na RBG em 2016, quando da nossa migração para o formato exclusivamente digital, intitulado – *O relevo brasileiro no contexto da América do Sul* – há inúmeras citações de variadas obras de Aziz, entre outros autores do campo da geomorfologia brasileira. Como o senhor avalia a influência da produção acadêmica do professor Aziz sobre a sua própria produção?

Esse artigo na revista eu devo ao convite da Adma (Adma Hamam de Figueiredo - IBGE/RBG). Eu costumo dizer que eu sou cheio de muita sorte na área profissional. Eu estava há dois anos trabalhando o relevo da América do Sul. Eu estava terminando de produzir o texto, o mapa já estava feito e a Adma pede um artigo para publicar. Eu nem acreditei, mas eu já tinha 50 páginas. Ela disse, tudo bem, mas a gente vai reduzir. Mas era esse trabalho. Ele foi uma mistura desse trabalho que já estava sendo feito, estava realizando e do convite da nossa querida amiga Adma. Não dá para falar de geomorfologia do Brasil, inclusive da América do Sul, sem falar do Aziz Ab'Saber. Porque ele publicou 215 artigos acadêmicos/científicos, certo? Nem tudo é bom, mas ele se aposentou aos 59 anos e deixou, ao se aposentar, essa quantidade de trabalhos. Tínhamos ele, o Bigarella, a Mousinho, a Margarida Penteado, o Fernando Flávio de Almeida. Esses eram os nomes da geomorfologia brasileira. E o Guerra, mas o Guerra trabalhava aqui no IBGE, ele era mais consultado do que lido. Qualquer coisa que nós fôssemos fazer hoje, na hora de fazer a lista da bibliografia consultada, eu teria que colocar um Ab'Saber. De novo, primeiramente, porque tudo que você escreveu, ele já tinha escrito antes. É isso, é essa revisão. E nessa publicação do mapa do

relevo da América do Sul, foi uma coisa meio ousada, mas era algo que eu estava procurando há muito. Algo que gostaria de fazer há muito tempo, certo? O problema é que não tem dinheiro, então você tem que botar dinheiro do seu bolso, se tiver. Eu fiz 5 viagens para a América do Sul com meu dinheiro. Ah, e de férias. Não estou de férias, certo? Férias trabalhando, e Ab'Saber fez isso também. Uma vez conversando com o filho dele, no velório dele, daí eu falei: “o seu pai não gostava de mim, certo?” E ele disse: “Ele gostava. Ele sempre falava de você lá em casa. Ele era desse jeito mesmo. Para você ter uma ideia, uma vez, quando nós éramos crianças, fomos ficar na casa da minha avó, lá em Porto Alegre, e meu pai sumiu por um mês. Cadê meu pai? Ele tinha ido pros Andes.” Eu falei – Nossa!!! E a mulher dele? Ninguém sabe, ninguém viu? A mulher dele devia saber, mas é isso, ele era assim. Quero dizer, ele tem muita contribuição, não tem jeito. Depois falamos um pouco sobre as fases dele. Das fases da pesquisa e das fases do Ab'Saber, certo?

Mas sobre o relevo brasileiro, desde a geomorfologia da cidade de São Paulo até a geomorfologia do sítio urbano de Nova Friburgo, se você quiser ver, é ele. Ele percorria diferentes escalas de análise. Mas ele tinha um problema, ele não trabalhava em grupo. Ele era muito solitário no trabalho. Ele fazia tudo por ele mesmo, e não compartilhava ideias. Eu acho que ele não tinha paciência, na verdade.

Uma vez, eu estava no último ano da graduação e eu tinha alguns colegas que eram estagiários do laboratório do Ab'Saber. Hoje é um laboratório, digamos assim. O pessoal trabalhava por conta e risco. Eu não era do laboratório, mas tinha amigos lá. Em novembro de 1971 ele chegou para nós (eu estava lá no laboratório junto com esses amigos), e disse: “Eu quero que vocês vão para Goiás fazer um levantamento de campo para o projeto da...” Eu não era estagiário do laboratório e nem era tão leitor assim do Ab'Saber na graduação. Mas eu falei, eu vou né? Eu já tinha ido a Goiás de carona. Mas agora ia ter um dinheirinho, por que não? E eu fui porque ele me incumbiu da responsabilidade da Kombi. O departamento tinha um Kombi para as aulas de campo, mas não tinha motorista. Os professores é que dirigiam. Eu não era professor, era aluno. Ele perguntou – “você sabe dirigir?” E foi isso, vinte dias de campo em Goiás para uma pesquisa encomendada, e é claro que saiu uma porcaria. A gente não tinha a experiência dele, nós não tínhamos o olhar dele. Nós éramos 6, e a gente brigava todo dia. Cada um falava uma coisa, via uma coisa que o outro via diferente. Chegou uma hora que eu pensei – quer saber, eu sou o responsável pelo carro – e calei a minha boca, porque era toda noite uma briga. Nós éramos alunos de terceiro e quarto ano. Nós voltamos direitinho, gastamos o dinheiro que ele havia dado. Tínhamos que entregar um relatório. Aí aconteceu um problema. Um de nós, que era meu amigo, era nosso fotógrafo. Como havia dinheiro, compramos meia dúzia de filmes para as fotos. Acontece que ele morava em uma república de estudantes. Quando voltamos, ele deixou a máquina fotográfica no chão de casa. Estourou um cano de água, molhou a máquina e perdemos todas as fotos do trabalho de campo. Como íamos fazer o relatório? Não havia como. Ele nos cobrou durante muito tempo esse relatório. E essa é uma dívida que eu tinha com ele. Fazer o quê? Mas o carro eu devolvi sem nenhum dano.

O professor Aziz fez graduação na USP, certo?

Sim, ele fez Geografia e História.

Ficamos tentando entender por que ele era tão fechado, mesmo naquele ambiente da USP?

Eu penso que, em primeiro lugar, pela origem dele. Ele tinha uma origem simples. E até a década de 1970, quem estudava na USP ou na UFRJ, por exemplo? Era a elite, eram pessoas ricas. O pai do Aziz era um imigrante, trabalhava como mascate, percorrendo a zona rural para bater de porta em porta. Era uma vida dura. E o que era o ambiente da USP? Era um meio aristocrático. Na verdade, era aristocrático até nos sobrenomes. Por isso eu acho que ele se fechou muito nele mesmo. E aí, isso é algo que eu penso, talvez ele tivesse essa preocupação de se mostrar muito competente, e isso fez dele uma pessoa muito produtiva. Ele era muito competente, mas era médio do ponto de vista do relacionamento social. E era muito diferente o Ab'Saber falando para uma plateia, numa conferência, do Ab'Saber de uma sala de graduação.

Talvez também porque era um período diferente, do ponto de vista da pesquisa. Não havia essa característica mais coletiva, dos laboratórios. Era um tanto individual também, não?

Sim, era o período da cátedra. Isso só acabou quando eu ingressei. E o dono da cátedra era o Aroldo de Azevedo. O dono da Geografia Física da USP era o Aroldo de Azevedo. E ele era um aristocrata. Quer dizer, o pai do Aroldo de Azevedo era militar, mas os militares vinham da aristocracia. Ele era do Vale do Paraíba, de Lorena, aristocrata.

O Aziz não tinha esse ranço aristocrático. Em compensação ele tinha uma personalidade, uma garra de trabalho muito grande. E nós tínhamos um outro professor que era de origem humilde, e que precedeu o professor Aziz. Também era muito produtivo, muito competente e muito acreditado. Era o professor João Dias da Silveira. E trabalhava muito com geografia física. Mas a geomorfologia era isso né? Por isso que eu acho que havia, primeiro, o contexto da universidade, que era esse de casta, que só desapareceu depois de 1969, com a reforma universitária. A reforma permitiu também que houvesse mais de um professor para cada disciplina, que foi o fim da cátedra. E pode-se ter mais alunos em sala de aula. Veja, a geografia, tinha oito ou dez alunos por ano. Depois da reforma universitária, entravam trinta alunos no turno diurno e trinta no noturno. Foi quando eu entrei, no turno diurno. Era uma universidade muito elitista. E o Aziz não era da elite.

Certamente o Ab'Saber tinha alunos que tinham renda muito maior que ele. E conheciam um mundo que ele não conhecia.

Adma – O Geiger (Pedro Pinchas Geiger) sempre acusou o Aroldo (Aroldo de Azevedo).

Exatamente, exatamente.

Adma – De ter vindo de uma elite rica. Ele, inclusive, entrou em atrito com o Geiger. Geiger sempre falou que Aroldo era da elite do café de São Paulo.

Eu não sei se era o pai, talvez fosse o avô, que fosse assim, porque o pai do Aroldo era general. De qualquer modo, eram pessoas que tinham – vou usar um termo meio pejorativo – tinham pedigree. E esse não era o caso do Aziz.

Numa tomada mais ampla, como o Sr. vê a trajetória e a produção do professor Aziz Ab'Saber? Houve significativa influência de suas obras sobre a produção acadêmica brasileira, particularmente no campo da geomorfologia?

Sim, vamos comer o pudim pela beirada. Na sua trajetória acadêmica e científica tem várias fases. A fase inicial é na década de 1940. A era da teoria Davisiana, com aquela ideia dos ciclos geográficos do relevo¹, o primeiro trabalho que ele escreve sobre os ciclos. A interpretação do relevo com base nesses ciclos – soerguimento, processos erosivos e pediplanação – vai ser adotada como modelo por todo o mundo ocidental. O Ab'Saber também adota esse modelo, que é anterior à tectônica de placas. Era um modelo prático, que ia da montanha à peneplanície. E de repente tem um movimento tectônico que bota tudo de novo para cima, e começa tudo de novo. Esta era a concepção do Ab'Saber também, entre a década de 1940 e a primeira metade da década de 1950. Mas aí entra o IBGE, em meados da década de 1950, com a publicação daquele calhamaço do trabalho do Lester King², sobre o relevo do Brasil oriental. Também teve um trabalho do de Martonne, ainda sobre o Brasil oriental, e um trabalho do Tricart³. Ou seja, todo mundo abandonou

¹ Nota do editor – William Morris Davis, geógrafo norte-americano que introduziu a teoria dos ciclos geográficos do relevo – juventude, maturidade e senilidade (1899) – que evoluíram de forma sucessiva. Essa teoria foi hegemônica, na geomorfologia ocidental, durante o final do século XIX e primeira metade do século XX. Deve-se destacar que, quando de sua formulação, não se conhecia a tectônica de placas.

² Nota do editor – Ver artigo do autor publicado na RBG – abr/jun 1956, p.147-267. [A Geomorfologia do Brasil Oriental | Revista Brasileira de Geografia \(jbge.gov.br\)](#).

³ Nota do editor – Emmanuel de Martonne – geógrafo e geomorfólogo francês, publicou artigos sobre relevo brasileiro na RBG, disponíveis nos links a seguir. [Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico | Revista Brasileira de Geografia \(jbge.gov.br\)](#) e [Problemas morfológicos do Brasil tropical atlântico : 2a parte | Revista Brasileira de Geografia](#)

essa teoria. Foi introduzida uma nova interpretação para a história de pediplanos. Era uma teoria trazida da África do Sul, onde há climas áridos e semiáridos, e foi aplicada aqui no Brasil. A chave de interpretação são os movimentos tectônicos e os rebaixamentos, a ocorrência dos dois. A fase tectônica é outra, criando superfícies de aplainamento, ora inserindo mais uma, que era a interpretação de que os processos de intemperismo não definiam o modelo. Pediplanação, ou seja, efeitos permanentes. A ideia é de que o relevo é dinâmico. Retração de escarpas, vai criando os pediplanos etc. Mas isso aconteceria em certas condições climáticas. O Ab'Saber entrou nessa linha. Tanto é que, nas publicações do final da década de 1950 e, principalmente, na década de 1960, ele entrou com a ideia de que, sim, tinha isso, acontecia isso. Mas, para acontecer isso, tinha que haver a transformação da rocha, através do intemperismo, para preparar o material para a erosão. Então, dentro dessa concepção, houve essa contribuição adicional, que foi a contribuição do Ab'Saber. Não desprezando, mas inserindo outras interpretações, de outros geógrafos, como os franceses, por exemplo, passa-se a considerar as alternâncias de fases. Fase erosiva quente e úmida, fase erosiva fria e seca. Mas como explicar no Brasil as áreas de clima quente e árido ou semiárido? Aziz passou a trabalhar sobre essa ideia nos anos 1960. Ab'Saber enfatiza o papel das condições climáticas, os processos esculturais, dependentes das condições climáticas. E aí vem a história dos paleoclimas, que até hoje se discute. E ele bate muito nessa linha. Ele, o Bigarella, a Regina Mousinho, a Margarida Penteado⁴, eles batem muito na procura dos depósitos correlativos das fases de pediplanação. Não que os depósitos sejam só isso. Há também os depósitos de seixos angulosos nas vertentes, certo? Depois a gente percebeu que os seixos angulosos existentes formavam as *stone lines* ou linhas de pedras nas vertentes oriundas de veios de quartzo e não obrigatoriamente decorrentes de climas secos. Bom, mas ele depois também reconheceu isso. Daí ele entrou nessa linha de pesquisa, correspondendo à sua segunda fase. Ela foi muito grande, ocupou a maior parte do tempo dele. E tinha parceiros, como a Mousinho, por exemplo. Depois, dentro desse processo todo, há uma coisa importante. Já dissemos aqui que o Ab'Saber não era muito de fazer mapas. Ele reproduzia esquemas, usava figuras. Figura é desenho, mapa é construção. Havia material para ficar produzindo mapas com fotografias aéreas de 1956. Mas além de serem terrivelmente difíceis de serem examinadas, não havia quantidade suficiente de intérpretes. Precisava de inúmeras fotos para cobrir um pedacinho de área. Nós lembramos bem como era isso. Não era viável. Só o IBGE aqui no Rio que tinha equipes para fazer isso. Então, o que nós, os geomorfólogos, usávamos no campo? Usávamos cartas topográficas. E a partir das cartas topográficas e dos trabalhos de campo fazia-se a interpretação de relevo e da geologia. Basicamente era assim. Então, nessa fase, não foi fácil produzir informação. Mas ele era aguerrido. Então tem uns relatos, fotografia dele em cima do carro. Qual era o veículo de campanha? O carro era dele. Então, digamos que as classificações que ele fez do relevo brasileiro eram classificações

(ibge.gov.br). Jean Tricart, - Geomorfólogo francês que atuou no Brasil e também publicou artigos sobre o relevo brasileiro na RBG, disponíveis nos *links*: [O Karst das vizinhanças setentrionais de Belo Horizonte : Minas Gerais | Revista Brasileira de Geografia \(ibge.gov.br\)](#), [Tendências atuais da geomorfologia | Revista Brasileira de Geografia \(ibge.gov.br\)](#), [Eshoço geomorfológico da área de Rio Claro, São Paulo | Revista Brasileira de Geografia \(ibge.gov.br\)](#) e [Tipos de planícies aluviais e de leitos fluviais na Amazônia brasileira | Revista Brasileira de Geografia \(ibge.gov.br\)](#).

⁴ Nota do editor – Todos geomorfólogos brasileiros já falecidos.

interpretativas, feitas a base de desenhos feitos a mão, dos trabalhos de campo e das cartas topográficas e geológicas. Basicamente era isso. As publicações de Ab'Saber sobre o relevo brasileiro divergiam das de Aroldo de Azevedo, que também fez uma classificação do relevo brasileiro em 1949 e estavam nos livros didáticos Ab'Saber nunca conseguiu publicar nos livros didáticos suas propostas de classificação. As propostas do Ab'Saber nunca entraram nos livros didáticos, porque o autor único dos livros didáticos de geografia até 1970 era só um – Aroldo de Azevedo. E mais ninguém. Todos nós estudamos em livros dele, do Aroldo. Alguns livros dele eram traduções de livros franceses, outros não. Geografia do Brasil, do Aroldo, era uma produção dele mesmo. Mas os outros, Geografia Física e Geografia Humana eram tradução de autores franceses que se quer eram indicados os nomes.

Sim, é a próxima pergunta. (Influência do projeto RADAM sobre a geomorfologia brasileira).

O projeto RADAM foi criado na década de 1970 e começou a efetuar trabalhos técnicos a partir de 1971. Era algo extremamente sigiloso. Eram imagens de radar. Tudo tinha um carimbo atrás. Bom, mas o que aconteceu quando o RADAM foi implantado, por sorte nossa, alguém falou que ia fazer geologia e aproveitava e fazia solos, relevo, vegetação e tudo. Todos vieram. Todo mundo, e a mídia dizia o tempo todo, que o Brasil era um país que ninguém conhecia na região Norte. Então começou lá, pela Amazônia. A imagem de radar que não tinha nuvem estava lá, e o satélite estava aqui, no INPE, mas estava cheio de nuvens. E quem chamaram para fazer a interpretação inicial? Na década de 1970 chamaram a pessoa que tinha mais nome e que era a mais conhecida – o Ab'Saber. Ele ficou seis meses trabalhando (a princípio sobre o Estado do Maranhão). Para tentar desenvolver uma metodologia, fazer um mapa, com a lógica de uma folha topográfica. O Maranhão não saiu, claro. Por dois motivos: ele não tinha prática em fazer mapas. Ainda que tivesse algumas tentativas aqui na produção de mapas, a escala era sempre 100.000, mas a metodologia francesa era sempre muito difícil para a leitura do usuário. A segunda é que ele trabalhava sozinho normalmente, e uma coisa é você fazer um relatório técnico sozinho, outra era fazer tarefas sistemáticas que envolvia equipe. E ele não conseguiu estruturar uma metodologia de mapeamento e foi dispensado. O fato é que ele criou ranço profissional e desconfortável em relação ao projeto RADAM. Então, houve um grande problema com o RADAM, porque ninguém tinha essa metodologia para produzir mapa geomorfológico. No esquema da metodologia francesa isso era inviável, absolutamente inviável. Era a escala de 50.000 com foto aérea. Não tem polígono, é tudo símbolo, é um mapeamento muito genético e, portanto, muito carregado de informações pontuais, com ornamentos e hachuras etc. Então apareceu um deus para a geomorfologia brasileira que foi o Getúlio Vargas Barbosa, que era da UFMG. Eu o conheci, era uma pessoa tranquila, agradabilíssima educadíssima. E trabalhava em equipes e não sabia nada de metodologia. Teve coragem de pegar cada folha daquelas na escala 1:250.000 e foi. E fez o que os australianos estavam fazendo lá com os mosaicos de fotografia aérea – delimitar polígonos que tinham diferentes características de dissecação, de rugosidade topográfica e assim nasceu a metodologia do RADAM.

A partir do Getúlio Vargas Barbosa, em 1972, eles passaram a trabalhar no padrão de dissecação dos modelados delimitando dos polígonos. E o Aziz não considerava um bom trabalho. Ele considerava muito técnico. Mas ele fez uma coisa interessante. Ele conseguiu cópias em papel normal, das folhas de 1:250.000 para o Brasil inteiro. Nós temos no laboratório essas cópias. Ele não gostava do trabalho, mas recebeu as cópias das folhas. O projeto foi sendo desenvolvido e os laboratórios das Universidades foram recebendo os relatórios publicados pelo RADAM BRASIL e hoje estão na biblioteca digital do IBGE. Mas tem todas as suas versões impressas em vários lugares do Brasil. Em várias universidades e institutos de pesquisa. Então, bem ou mal, nós temos um divisor de águas. Eu diria que, não só da geomorfologia. É um divisor de águas antes e depois do RADAM.

Felipe Cronemberger (IBGE/RBG) – Professor, só uma curiosidade. E como se deu a sua entrada no RADAM?

Hoje, os nossos queridos alunos saem caçando emprego. Na década de 1970 a demanda por trabalho era muito grande. Era a época do “milagre brasileiro”. Tinha coisa para fazer que não acabava mais. A era dos militares sim, assessorados por Delfim Neto, Roberto Campos e outras figuras importantes da economia brasileira. Então, precisava de gente. Eu diria que fui caçado na faculdade para trabalhar. Incluíram geomorfologia no RADAM em 1970 e início de 1977 comecei a trabalhar no projeto. E por quê? Porque não tinha gente para trabalhar. O RADAM tinha expandido a equipe para mapear o Brasil todo e não tinha pessoal, então eles procuraram nas universidades e cursos de pós-graduação. E puxaram os alunos de pós-graduação. Eu mandei o currículo no final do ano. Eu jamais podia imaginar que seria chamado. Chegou em março eu recebi uma carta. Nem acreditei. Daí eu falei com minha mulher e ela: você não vai né? Eu falei, é claro que eu vou. Foi uma briga danada, mas eu fui e ela foi junto. Era um momento importante para minha carreira de geógrafo.

Felipe Cronemberger – Onde você foi lotado?

Em Goiânia. Eu trabalhava em São Paulo, fazia mestrado, estava no meio do mestrado. Era casado e tinha duas filhas. Eu trabalhava cinquenta horas por semana e ainda fazia pós-graduação. Era uma loucura, mas você acha que eu não ia querer trabalhar com uma metodologia que eu não sabia nada? E que tinha três meses de treinamento? Eu pensei, eu vou lá, vou treinar, vou aprender, vou fazer e vou ficar. E aí, nos dois primeiros meses eu fui sozinho, até para me habituar, para ver, para sentir um pouco se queria. Depois eu falei, você tem que vir, minha querida. Meu sogro me apoiou. Se não, o casamento tinha ido para o brejo por causa do RADAM Brasil, entendeu?

Eu fiz uma escolha profissional.

Então, o Getúlio Vargas Barbosa ficou de consultor. Mas ele estava muito doente, teve que se afastar. Ele continuou lendo os relatórios e tal, mas já não participava de discussões de orientação. E aí, começaram a achar que tinha que ter consultores para cada uma das regiões do Brasil. Cada região ficou com 2 consultores, a partir de 1977/1978. A professora Teresa Cardoso ficou com o Nordeste. Para o Sudeste ficou uma professora, não me lembro o nome agora, ele morreu naquele acidente com o avião. Ela era conhecida. E foi assim que passaram três/quatro anos discutindo metodologia. Discutiram, discutiram, e nós estávamos na linha de frente e trabalhando, usando a metodologia que estava valendo.

Isso se estendeu de 1976 a 1981, porque não entravam num acordo. Então, a professora Teresa Cardoso, que era ótima, mas muito confusa, ficou como consultora permanente. Quando fecharam o caderno de metodologia, que é o que está adaptado até hoje, mandaram para todas as bases do RADAM. A partir daquele momento, todos os mapeamentos tinham que ser feitos com aquela metodologia que a cabeça, a linha de frente, era da Teresa Cardoso, inspirada pelo Jean Tricart. Ou seja, quando chegou a metodologia para nós lá em Goiânia, nós estávamos com todos os mapas do Centro-Oeste reduzidos a 1:1.000.000 e compondo todas as folhas que pegavam o Centro-Oeste. Com tudo compartimentado direitinho numa metodologia única. Aí nós nos revoltamos. Nós não queríamos fazer. Nós não reconhecemos aquela metodologia, foi uma rebeldia total. E pronto, no Centro-Oeste ficou aquilo que nós tínhamos feito. Mas o original ficou como nós tínhamos feito. Bem, de qualquer forma, essa última metodologia foi incorporada pelo IBGE. Eu continuo não gostando dela até hoje. Não vou discutir, mas os mapeamentos na metodologia anterior eram muito mais práticos. Geomorfologia aplicada brasileira, porque ficava uma morfologia, uma estrutura aplicada, processos e formas de dissecação, relevos de acumulação, cada um deles na sua categoria que você usava. Essa outra ficou um pouco mais complicada. Eu não uso até hoje, não gosto. Bom, até porque depois eu acabei fazendo a minha, a minha visão e a minha contribuição.

Felipe Cronemberger –Discutiu-se muito essa questão de um mapeamento de regionalização e um mapeamento tipológico no IBGE. Hoje o mapeamento geomorfológico do IBGE é muito regionalizado, então às vezes você está dando nomes diferentes a uma mesma feição tipológica. O IBGE não conseguiu criar um mapa tipológico para você simplificar uma legenda única do Brasil.

Pois é, agora eu vou te contar um segredo. Em 1998/1999, o IBGE fez um grande evento, um grande encontro. Vocês devem se lembrar, de produtores e usuários de dados do IBGE. O IBGE me convidou para dois eixos, o eixo do zoneamento ecológico e o eixo da geomorfologia. No zoneamento ecológico econômico não rolou nada, continua tudo como está. E não avançou em nada. Mas na geomorfologia, meu amigo Walter Alvarenga (eu não lembro se é mesmo esse sobrenome, esqueci). Iríamos fazer uma revisão do mapa das unidades do relevo do IBGE de 1993 para simplificar, porque tem unidades demais e muito descritivas, algumas delas, e complica para

usar, certo? Iríamos produzir um texto síntese que iria acompanhar o mapa. Eu já tinha feito um trabalho em forma de figura da divisão do relevo brasileiro publicado nos anais de Geografia Física aplicada de 1989, que foi em Nova Friburgo. Fechado isso, decidido. E o Walter morreu. Aí, o assunto morreu. Acabou, parou lá. Mas vejam, eu saí do RADAM em 1983. Em 1984 teve o primeiro simpósio brasileiro de Geografia Física Aplicada, lá em Rio Claro na Geografia da UNESP. O IBGE apresentou a proposta, porque o RADAM tinha se encerrado em 1985. Ele apresentou essa versão do mapa das unidades do relevo. Eu e meus colegas perguntamos: quando é que vai ter o texto? Vai ter um dia. Não tem até hoje. Bom, mas eu já tinha feito, em 1985 uma classificação que foi apresentada, no simpósio e ninguém me deu paulada na cabeça lá em Nova Friburgo, nas barbas do IBGE. Então, pensei, eu não estou tão errado. Eu estou bem com essa síntese. Essa foi uma contribuição fundamental do RADAM para a classificação do relevo brasileiro e passou pela equipe do RADAM que foi incorporada ao IBGE. O IBGE publicou, mas não fez o texto até hoje e paralelamente, eu também trabalhei. E por que eu trabalhei? Por que eu não esperei à vontade uma publicação do IBGE? Porque eu dava aula. Eu falava um monte de coisas que mostravam os mapas do Ab'Saber e dizia, olha só, porque não é mais assim. Agora mudou não? Mudou, e como mudou? Mudou, mas não tem outro. Percebe? Foi aí que eu fui obrigado, na USP, para poder mostrar aos alunos que antes se fazia assim, mas agora, depois do RADAM, é assim, com o meu aval, a minha assinatura lá embaixo. Foi assim que aconteceu. Isso é a fase geomorfológica do Ab'Saber. E continuou aqui até a década de 1980. Mas o trabalho do RADAM, em que se deu continuidade no IBGE, quebrou um paradigma da pesquisa geomorfológica. A partir do RADAM passou a ser outra coisa. A geomorfologia se firmou como uma disciplina aplicada para várias coisas boas.

Para além da contribuição acadêmica, o Aziz notabilizou-se por abordar a questão ambiental em seus últimos trabalhos, assumindo inclusive certa militância política. Do seu ponto de vista, essa postura contribuiu para ampliar a importância dos estudos geomorfológicos e geográficos na questão ambiental?

Bem, o Aziz Ab'Saber se aposentou em agosto de 1982. Ele passou a trabalhar como professor visitante da UNESP e depois voltou para a USP, no Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), que existe até hoje. No instituto ele entrava direto na rede e ele tinha um propósito de dar suporte científico às questões ambientais do Brasil. Então, a partir daí, o Ab'Saber, estando vinculado ao instituto, ele passou a participar de eventos da academia, a cada atividade de investimento que se fazia no Brasil, na área ambiental, ele era consultado. E nessa história de ser consultado, ele estava muito mais livre. Um professor aposentado poderia falar o que queria. O Ab'Saber sempre fez consultorias. Consultorias para grandes empresas, para grandes projetos. Mas era um trabalho isolado e que com as questões ambientais os trabalhos não poderiam ser pareceres técnicos e uma dúzia de páginas e desenhos sem mapas. O Ab'Saber não trabalhava com mapas. Fazia croquis. Isso não era mais suficiente. E aí, o que acabou acontecendo é que, como ele não trabalhava com mapas, aqui em São Paulo eu era o único que trabalhava usando imagens de radar, e o que

aconteceu? As empresas de consultoria da área de engenharia voltadas para as grandes obras acabaram me encontrando, e eu comecei a me envolver nisso. Participando de vários projetos, produzindo mapas geomorfológicos, mapas de sei lá o quê. E o Aziz? Ele ficou no instituto de estudos avançados (IEA-USP). Avançados nessa perspectiva da questão ambiental. E aí ele passou a não ser mais consultado para ser o parecerista técnico. Ele era o parecerista maior, mais amplo. E isso dava ibope. Ele começou a se manifestar contra tudo. Contra hidrelétrica no Xingu, contra hidrelétrica no rio Madeira, contra a duplicação da São Paulo-Santos, da Tamoios- São José dos Campos, contra o Porto de São Sebastião, a duplicação da BR 116. Ele entrou na linha dos ambientalistas, foi assessorado por eles. E apoiado por eles. Aí ele passou a fazer militância mesmo né? E qual era o problema? Em muitos desses projetos eu estava envolvido como parecerista técnico, ou como executor, ou consultor. Aí ficou difícil porque ele batia. Ele sabia que eu estava de consultor e me tratava como menino pouco experiente. Bom, mas o fato é que ele fez uma escolha a partir do momento que foi para o instituto de estudos avançados, com toda a mídia em cima dos grandes projetos de impacto ambiental, não tem jeito né? Tudo aquilo que ele brigou, que foi contra, aconteceu. Demorou vinte ou trinta anos, mas está tudo aí. Duplicação da BR 116, hidrelétrica do Xingu. Só o porto de São Sebastião que não foi ampliado até hoje. Quando mistura ciência e política, é difícil. A última coisa que fui a favor, e ele contra foi sobre a transposição do rio São Francisco. Fiz apologia da transposição, achava e continuo achando necessário. Vou fazer o quê né? Ele foi contra porque afetava a população humilde que vivia da agricultura de vazante nos leitos secos dos rios intermitentes do semiárido, e que a água iria beneficiar os poderosos latifundiários.

Então foi um momento em que vocês claramente se colocaram em campos opostos?

Isso e também a classificação do relevo brasileiro. Porque ele não aceitava a divisão que eu apresentei. Mas, o que aconteceu? Eu fui organizador de um livro – Geografia do Brasil e inseri nele a classificação que elaborei. Não dá dinheiro, mas fez sucesso.